

O UNIVERSO DO CIRCO: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Daiane Oliveira da Silva¹ dai_tupa@yahoo.com.br

Aline de Souza Caramês¹ aline.geralda@gmail.com

Camila da Silva Ribeiro² camii.ribeiro@hotmail.com

Hugo Norberto Krug¹ hnrug@bol.com.br

1. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
2. Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

Este trabalho relata a observação realizada com os artistas circenses de um circo que se instalou no município de Santa Maria (RS) durante o mês de agosto de 2011, e se deu como parte de estudos já realizados pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com o projeto de extensão “Circo na Escola”. Buscamos nesse estudo reconhecer as relações sociais no âmbito do circo, buscando aproximações e possíveis contribuições a Educação Física Escolar. Foi utilizada para o estudo a pesquisa exploratória, realizada a partir de entrevistas com os artistas. Com isso, foi possível constatar que as atividades circenses podem ser entendidas como elementos que tragam alegria para ao ambiente escolar, isto porque o brincar e o aprender serão uma coisa só, colaborando para o contexto da aprendizagem. Podemos relacionar este aprendizado dos alunos com os saberes dos artistas circenses, pois quando estes relatam seus processos de aprendizagem também não conseguem distinguir os momentos formais de aquisição de conhecimentos.

Palavras-chaves: Circo, Escola, Educação Física, Relações Sociais.

Introdução

Este trabalho integra parte de estudos já realizados pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com o projeto de extensão “Circo na Escola”. No sentido de conhecer e compreender a realidade do meio circense, buscamos uma aproximação com os artistas de um circo que se instalou no município de Santa Maria (RS) durante o mês de agosto de 2011.

Buscando avançar nossa proposta enquanto projeto de extensão, procuramos esses conhecimentos empíricos singulares do universo circense. Conhecendo e valorizando as relações interpessoais inseridas no ambiente do circo, poderemos contribuir também para nossas relações no contexto escolar. No sentido de conhecer e compreender a realidade do meio circense, este estudo significa não só abordar as atividades práticas como acrobacias, malabarismos e teatro, mas trazer à tona os saberes desse universo que possam colaborar com o processo pedagógico no contexto da Educação Física. O objetivo desta pesquisa foi compreender as relações sociais no âmbito circense com vista a uma perspectiva educacional, observando as contribuições a serem levadas para o ambiente escolar.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa trata-se de um estudo exploratório, com entrevista em profundidade não dirigida. Foi utilizada a observação informal e conversas para conhecer as experiências de vida da comunidade circense. A técnica de observação assistemática, também denominada informal, consistiu em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilizasse meios técnicos especiais ou precisasse fazer perguntas diretas. É mais empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados. (LAKATOS; MARCONI, 2008).

No decorrer da pesquisa foram elencados alguns tópicos relevantes com assuntos norteadores envolvendo o ambiente circense tais como: a satisfação dos artistas, o envolvimento com a prática, o comprometimento, o entendimento e as relações de cooperação dos envolvidos. As entrevistas

foram realizadas individualmente com cada artista e utilizaremos nomes fictícios para preservar suas identidades.

Os achados: O circo e suas relações sociais

A análise das falas dos artistas circenses nos possibilitou conhecer a realidade do circo. Por meio dos relatos, foram observadas algumas importantes manifestações, sendo enfatizadas pelo grupo de artistas e elencadas na discussão deste estudo.

Logo nos primeiros contatos, foi possível observar a compreensão e o entendimento do grupo sobre circo. Os artistas circenses explanaram conceitos representativos a partir de suas experiências, afirmando o objetivo do circo enquanto arte, destacado na fala de Adão: “[...] o circo não é lúdico. Esta concepção é errada. Olha as minhas mãos cheias de calos! Isso prá ti é lúdico? Eu que levanto a lona do circo... Olha a quantidade de ferro, levo no ombro”.

Nesta fala, o capataz (ex-artista responsável pela montagem das lonas) mostra com clareza seu papel social com relação ao circo, sua função, - não menos importante que as demais – mas que depende de um trabalho braçal menos prestigiado se comparado ao também esforço dos artistas no picadeiro. Esse outro lado da realidade circense por vezes é esquecido quando pensamos no mundo do circo enquanto arte, magia e encantamento. Contudo, há de ser considerado ao pensarmos no circo enquanto produção cultural e social. Ainda com os desafios da vida nômade, o sentimento de satisfação com relação à vida no circo foi expresso em suas colocações pelos artistas circenses, como no relato de Maricota (contorcionista): “[...] o circo tá no sangue! A gente passa por dificuldade, assim como em todos os trabalhos, mas eu não abriria mão”.

O comprometimento foi outra questão destacada nas falas e observada nas ações dos membros do circo. Como pôde ser percebido na expressão de Juquinha: “[...] eu, no circo, tiro fotos, mas também quero aprender algum número para apresentar”. Notamos que os participantes se envolvem em diferentes funções que vão desde a divulgação do espetáculo, segurança para os artistas, até a apresentação de números no picadeiro. Estas questões estão

ligadas às condições financeiras do circo, pois quando um indivíduo exerce mais de uma função, ele representa uma economia, visto que não há necessidade de contratar outro para aquela tarefa.

Independente de sua colocação no circo há uma preocupação comum aos circenses de que o espetáculo transcorra com segurança, pois mesmo que alguns possam almejar uma posição de destaque no picadeiro, a tarefa maior se configura na excelência do espetáculo como um todo. Silva (1996, p.20) em seus estudos traduz tal comprometimento por meio do circo-família, onde há uma determinada “organização do trabalho e do processo de socialização/formação/aprendizagem”.

Durante as ações e as falas dos artistas, foi percebida a cooperação no sentido do bem maior (que é o próprio espetáculo) e também as trocas de conhecimentos entre os envolvidos durante a execução das tarefas, exemplificado nas relações familiares e de experiência, onde os que têm mais tempo de prática compartilham seu conhecimento dando uma continuidade aos saberes circenses.

A cooperação também está relacionada à confiança. Averiguamos que durante as apresentações há uma confiança estabelecida entre o artista que se apresenta e os auxiliares que são necessários para a execução do número. Essa relação é confirmada em momentos como na montagem dos equipamentos e na segurança para a execução de números aéreos em que os auxiliares de palco dão suporte aos artistas.

Estes fatores também são contemplados nos estudos de Silva (1996) em que o autor destaca o circo como um local de troca de conhecimentos em que os aprendizados ocorrem de maneira espontânea, sendo transmitido pelos conhecimentos dos antepassados. Por esse motivo, o aprendizado do viver e do ser artista acontecia a partir de um processo de construção social dentro do circo, feito coletivamente.

A Educação Física Escolar e suas relações sociais

Percebe-se que a Educação Física brasileira se encaminha para um desenvolvimento cada vez mais diferenciado em relação a sua prática. De um

lado, encontramos a Educação Física sob uma perspectiva de cunho esportivo com valores de treinamento, e no outro extremo, a desvalorização da Educação Física na escola. Há entre esses extremos, professores que cumprem com sua função pedagógica na escola, desenvolvendo o processo de humanização no contexto educacional.

Corroborando com isso, Bortoleto e Duprat (2007) ressaltam que em todos os âmbitos de atuação da Educação Física, o professor deve estar preocupado com a formação humana, independente do nível de aprofundamento, capacitando seus alunos numa ampla esfera de conhecimento, e permitindo a todos aumentar suas possibilidades de interação com seus companheiros, assim como fazendo deles pessoas importantes para seu grupo social.

Partindo desta humanização, é pertinente pensarmos nos conteúdos que permeiam tais saberes transcendendo o simples ato de fazer pelo fazer sendo articuladas oportunidades de ação, buscando um conhecimento significativo e motivacional. De acordo com o Coletivo de Autores (1992), é de suma importância destacar o desenvolvimento do aluno por meio de uma reflexão pedagógica sobre valores como: solidariedade, cooperação, distribuição; sobretudo, enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos.

Seria pertinente tratarmos na escola das questões envolvendo a cooperação, como pressuposto de interação ao grupo social, sendo elemento primordial para as relações humanas. Kunz (2006) entende que a interação social deve ser tematizada enquanto objetivo educacional que valorize o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativo e participativo.

Algumas manifestações individuais refletem a aprendizagem como: a satisfação do aluno ao desenvolver a prática, o comprometimento educando de conhecer e de experienciar novos conteúdos, o entendimento do construir em relação à prática na sua ação, tendo autonomia e reflexão sobre o conhecimento obtido. Para Freire (1987), a visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos.

Com isso é oportuno buscarmos novos entendimentos com relação à prática da Educação Física, no sentido da valorização do aluno, enquanto sujeito participativo e crítico no processo de ensino-aprendizagem. Por meio desta compreensão entendemos a Educação Física como um amplo leque de possibilidades enquanto conteúdo a ser desenvolvido.

As relações sociais entre o circo e a Educação Física Escolar

As atividades circenses constituem-se como parte integrante da cultura popular, sobretudo com os conhecimentos sobre o corpo e suas potencialidades expressivas. Estas manifestações são traduzidas por Bortoleto e Machado (2003, p.64) quando entende o circo como parte integrante da cultura, justificando sua presença no ambiente escolar no sentido de “pedagogizar o legado cultural existente”.

Dentre estes entendimentos em meio às práticas circenses, percebemos as relações que permeiam estes conteúdos, constituídas nas suas relações enquanto papéis sociais, pertinentes ao processo de formação do indivíduo. Como destaca Bracht (1999), não propondo uma Educação Física que se transforme num discurso sobre a cultura corporal de movimento, mas numa ação pedagógica com ela, pois a ação pedagógica a que se propõe a Educação Física estará sempre impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se.

Neste sentido, a escola constitui-se como parte fomentadora dessas questões pertinentes ao aprendizado de seu educando, um eminente espaço de construções e desconstruções, onde a Educação Física passa de um espaço fortemente constituído de competição para um espaço de relações no trato coletivo. “Respeitável público, senhoras e senhores, comecemos, portanto, a aula. Nada de dores, só risos. Criança pode aprender como criança. Escola pode ter cara de circo” (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011, p.10).

Deste modo, as atividades circenses podem ser entendidas como elementos que tragam alegria para ao ambiente escolar, isto porque o brincar e o aprender serão uma coisa só, colaborando para o contexto da aprendizagem.

Podemos relacionar este aprendizado dos alunos com os saberes dos artistas circenses, pois quando relatam seus processos de aprendizagem não conseguem distinguir os momentos formais de aquisição de conhecimentos, treinos, ensaios: tudo isto é trabalhar. Talvez seja por isto que se dizem artistas desde o nascimento (SILVA, 1996).

Conclusão

Desta maneira compreendemos as artes circenses como movimento da cultura corporal, propondo uma nova ordem como o faz o acrobata de cabeça para baixo (SOARES, 2000), a caminho de um processo de inclusão e participação efetiva, onde corpos em movimento possam representar alunos felizes dentro e fora da escola. É possível pensarmos numa “ressignificação” do trabalho pedagógico, no sentido da valorização do aluno e de suas relações no contexto social.

Se pensarmos na escola enquanto espaço de construção, deveria valorizar estas questões, possibilitando a participação integral do aluno enquanto inclusão social. Considerando, nesse sentido, que todos são fundamentais e por isto valorizando seus saberes, não havendo neste sentido espaço para a exclusão.

Com isto, é possível trazermos além dos conteúdos práticos desenvolvidos com as atividades circenses, como acrobacias, malabarismo, atividades aéreas e equilíbrios corporais, temas que abordem questões que permeiam as relações sociais do meio circense. Tais ações poderiam contribuir para o processo de ensino-aprendizagem que busquem novas possibilidades de adquirir conhecimentos.

Referências

BORTOLETO, M.A.C.; DUPRAT, R.M. Educação Física Escolar, pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n.2, p.171–189, jan., 2007.

BORTOLETO, M.A.; MACHADO, G. Reflexões sobre o circo e a Educação Física. **Revista Corpoconsciência**, n.12, p.41-69, jul./dez., 2003.

BORTOLETO, M.A.C., PINHEIRO, P.H.; PRODOCIMO, E. **Jogando com o circo**. Jundiaí: Editora Fontoura, 2011.

BRACHT, V. **Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KUNZ, E. **Transformação didática-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2006.

SILVA, E. **O circo: sua arte e seus saberes, o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX**, 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SOARES, C.L. Imagens do corpo espetáculo: o monstro e o acrobata. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 2000, Gramado. **Anais**, Porto Alegre: UFRGS, ESEF, 2000.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.